



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE LETRAS

LICENCIATURA EM LETRAS

**EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS:
MEMÓRIAS PERMEADAS PELA MÚSICA**

Argissa de Andrade Pereira

Recife, 15 de julho de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

LICENCIATURA EM LETRAS

**EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS:
MEMÓRIAS PERMEADAS PELA MÚSICA**

Memorial elaborado pela aluna Argissa de Andrade Pereira para o componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso sob a orientação do prof. Ewerton Luna.

Recife, 15 de julho de 2025.

Dedico este trabalho a meus pais e a todos os professores do Curso de Letras da Universidade Rural de Pernambuco, os quais sempre me trataram com respeito, carinho, atenção e dedicação, demonstrando o papel que um professor deve ter em sala de aula.

Depois um professor disse: Fala-nos do Ensino.

E ele respondeu: Ninguém vos poderá revelar nada que já não esteja meio adormecido na aurora do vosso conhecimento. O professor que caminha na sombra do templo, entre os seus discípulos, não dá a sua sabedoria, mas antes a sua fé e amor.

Se for realmente sábio, não vos convida a entrar na casa da sua sabedoria, mas antes vos conduz ao limiar do vosso próprio espírito.

O astrônomo pode falar-vos do seu entendimento do espaço, mas não vos pode dar o seu entendimento.

O músico pode cantar-vos o ritmo do espaço, mas não vos pode dar o ouvido que faz parar o ritmo, ou a voz que dele faz eco.

E aquele que é versado na ciência dos números, pode falar-vos de pesos e medidas, mas não pode levar-vos até lá.

Pois a visão de um homem não empresta as suas asas a outro homem.

E, mesmo que cada um de vós esteja sozinho no conhecimento de Deus, também cada um de vós deve estar sozinho no seu conhecimento de Deus e na sua compreensão da Terra.

(Khalil Gibran)

INTRODUÇÃO

Chegou o fim de meu curso de Letras na Universidade e devo elaborar um memorial de toda a minha aprendizagem de vida escolar.

Afinal de contas, o que seria um memorial? Examinando rapidamente no dicionário, memorial é:

memorial · 1. relato de fatos ou pessoas memoráveis · 2. livro usado para anotar aquilo de que alguém deseja lembrar-se · 3. monumento erguido em homenagem.

Então sigo especulando o que seria o memorial para meu curso de Letras. Minha aprendizagem não se deu apenas na escola formal e talvez precise falar disso também. Me pego lembrando minha escola de alfabetização: a sensação boa do vento entrando pelas paredes de Cobo gos que me inspiravam a criar e as aulas de corte e colagem para habilitar o uso das mãos. E por falar em mãos, as palmatórias que a diretora dava nos meninos grandes que não se comportavam.

Um dia fiquei com medo. Uma professora, ao perceber meu olhar aflito à sala da diretoria, me garantiu que eu, como era pequenina, não levaria palmatórias. A vontade de saber ler tudo que estava escrito se superou à de me amostrar quando fazia isto nos lugares. Sim, com cinco anos eu já lia e já escrevia bem. Alunas mais velhas que se sentavam perto de mim para filar eram separadas pela professora.

Outro dia adoeci e não pude ir à escola, já no fim do ano escolar. A professora veio à minha casa entregar de presente uma lancheira cheia de biscoitos deliciosos por ter sido a melhor aluna da turma. O fato de ganhar a lancheira me surpreendeu menos do que o de a professora ter ido pessoalmente à minha casa. E eu só tinha seis anos de idade! Depois vieram os livros, as revistas, os jornais, as bulas de remédios com fórmulas que eu nem compreendia. Enfim, as letras - estas me encantavam!!

Que fascínio eu tinha pelas letras! Como é que aqueles símbolos pequeninos podiam traduzir um mundo todo?

Me pegava às vezes surpresa com algumas frases: “À flor da pele” (pele tinha flor?) “Coração do nordeste” (como um lugar pode ter coração?)

Cresci em um lugar cheio de livros. Meus pais gostavam de ler e nos incentivavam muito.

Na minha casa havia toda uma coleção de Monteiro Lobato.

Desde cedo me estimularam com livrinhos de estórias infantis, inclusive em inglês, com dicionários de figuras. E música, então? Meu pai desde cedo comprou instrumentos para mim. Um dia chegou com uma sanfona, outro dia com uma escaleta e por fim uma marimba.

Me entusiasmei mesmo quando chegou um piano clássico em casa (Schwartzman).

Aquilo sim era um instrumento de verdade.

Então começo meu memorial assim:

Vem agora um grande desafio: Relatar todo meu histórico de aprendizagens.

Sinto que deveria fazer uma reivindicação. Afinal, não tenho apenas vinte aninhos. Meus 67 anos de idade corresponderia a um background bem maior. Deveria solicitar mais páginas para escrever toda essa experiência passada, mas não. Tentarei, ao contrário, compilar tudo neste momento. Quem sabe depois o desenvolva e escreva um livro!! Acho que o livro deveria intitular-se “CONFESSO QUE VIVI 2”.

Para melhor descrever tudo que para mim representou uma escola, ou seja, todos os processos pelos quais entendo que me ocasionaram uma aprendizagem intelectual, achei melhor primeiro sistematizar este memorial pelo que mais gosto na vida: a música.

A música me posicionou e me representou em todos os momentos da vida. A música me marcou em cada etapa da minha vivência terrena. E se foi pelo sentido auditivo que minha memória concretizou meu pensamento, foi pelo olfativo que eles me mantiveram alerta.

Aliás, os sentidos é que nos mantém mais vivos e conectados ao mundo. Por que então não falar também do paladar? Ainda hoje recordo o gosto do pão francês com manteiga e açúcar que minha babá fazia para lancharmos, o algodão doce que passava na rua.

Lembro bem minha professora me censurando na escola por tomar do suco a cada colherada e me aconselhando a beber depois de comer tudo. Ah! Tempos bons, os do “jardim da infância”!

Percorrer por toda uma experiência em vida de aprendizagem fará deste memorial, de fato, uma psicanálise.

Por que não, então, falar dos amigos? Foram eles todos também meus professores! Deverei sim categorizar meu trabalho com músicas, cheiros, paladares e as amizades.

Afinal, não somos nós, entre outras coisas, formados pelos livros que lemos, os filmes que assistimos, os amigos que temos e a vida que escolhemos, inconscientemente ou conscientemente?

Agora sim ficará um pouco mais completo, embora não teça muitas considerações a estes temas para não me alongar por demais.

Capítulo I

Música: Elvis Presley, The Platers, Nat King Cole, Rita Pavoni e Tchaikovski.

Cheiro: Folhas e flores no ar.

Amigas: Diana e Lola

Foi no **Externato Epitácio Pessoa** em João Pessoa que tive minha primeira experiência escolar.

Cortar e colar era para mim uma grande diversão. Eu cortava muito bem!! Pelo menos era o que minha professora falava. Não lembro o nome dela, mas era muito afável e nos incentivava. Eu tinha orgulho de cortar e colar. Até hoje esse é um passatempo para mim.

Minhas irmãs escutavam Rita Pavoni e assim aprendi um pouco de italiano. Sabia até pronunciar algumas palavras, pois eram fáceis de entender e falar. Quanto ao inglês de Elvis, eu cantava, mas não sabia o que estava dizendo.

Cheiro de folhas queimando no ar era o aroma da rua descalça onde eu morava, em João Pessoa. As pessoas varriam a calçada e queimavam as folhas, deixando um aroma maravilhoso nas casas. A música clássica era a favorita de meu pai.

Eu tinha apenas 5 anos de idade. Minhas amigas (Diana e Lola) moravam em frente à minha casa, aonde eu sempre ia para brincar. Um dia, duas empregadas da casa instigaram Diana (de 7 anos) a brigar comigo, para ver quem ganha, diziam elas. Diana se atracou contra mim. Eu não queria brigar, mas acabei tendo que me defender. Puxei tufos de cabelo de Diana e só larguei a cabeça dela depois que uma das empregadas apartou. Fui para casa aos prantos, claro! Meus irmãos (um de quatro anos e outro de seis) correram para lá e jogaram pedras em direção à casa. A mãe delas veio uma semana depois implorar para eu ir lá brincar com as meninas. Disse que Diana sentia minha falta. Eu falei que estava de mal e nunca mais fui lá. A mãe delas nunca trouxe elas para brincar na minha casa. Também nunca me perguntaram o que aconteceu.

Aprendi cedo que para manter minha própria integridade era preciso às vezes cortar relações. Aprendi com meus irmãos o que era solidariedade.

Lembro-me, quando já estava na primeira série do primário, de que um dia esqueceram de nos buscar na escola e meu irmão mais velho nos levou para casa e nos ensinou o caminho. Lembro-me ainda da censura da diretora quando viu uma caneta de meu pai que meu irmão mais novo levou para a escola: quando a virava, a tinta baixava e as moças ficavam nuas.

Para nós aquilo só era engraçado. Não precisaria chamar nosso pai para conversar. Foi aí que compreendi que a nudez não era aceita em todos os lugares.

Apreendi também, um dia, que não poderíamos possuir todo tipo de livro em casa.

Meu pai enterrou os livros de Karl Marx no quintal, dentro de uma lata. E me orientou a não falar nada sobre aquilo. Penso que naquela época eu só tinha sete anos e era madrugada. Todos dormiam, mas eu me acordei com a conversa dele e minha mãe. Lembro que um dos seus amigos havia sido preso por portar alguns tipos de livros, como aquele.

Aquilo me intrigou um pouco, mas me sentia segura com meu pai. Se não pode, ok, enterra mesmo. Ninguém vai ver.

Capítulo II

Escola João Barbalho em Recife

Música: Beatles.

Cheiro: Esgoto.

Amigas: Paula e Giovanna.

“Recifede”, dizem os riscos nas paredes da cidade. E infelizmente é verdade.

Para uma garota de 7 anos, sair de uma cidade tranquila e vir para a capital do Nordeste não é fácil. A beleza das pontes era ofuscada pelas pessoas com deficiência física que ali se estabeleciam para pedir esmolas – este foi o primeiro impacto que tive quando vim para esta cidade. Em João Pessoa eu não via pessoas pedindo esmolas. Tampouco pessoas com tamanhas deficiências.

O mal cheiro exalava dos bueiros no centro do Recife.

A escola me assustava. Tinha que pegar uma pedra para ir ao banheiro (esse era o método utilizado para que fosse um de cada vez). Tinha que ficar em fila na frente da bandeira e cantar o hino antes de entrar. As provas eram feitas em grupo e a professora fazia tudo coletivamente. Não havia atenção individual e eu sentia que estava desaprendendo o que havia aprendido anteriormente. Não me lembrava mais como fazer as contas. Antes eu sabia!

O que ficou na minha memória da segunda e terceira série dos anos primários naquela escola foram o acidente que um aluno sofreu porque a escada frontal se desmoronou quando ele estava subindo; a salada de frutas feita no dia das crianças (aquela foi a melhor salada que eu já havia experimentado), no qual cada um levou uma fruta e o hino nacional quando se hasteava a bandeira do Brasil. O nome da professora eu lembro: Janete. Era afável, simpática, atenciosa e bonita. A reconheci quando a encontrei 40 anos depois, no salão de cabelereiros do clube português e pasme: ela me viu primeiro e disse meu nome! Perguntou-me se eu lembrava quem era ela. Claro! Respondi. Professoras boas são assim, não esquecem seus alunos.

O nome da diretora não lembro agora, mas lembro bem que ela passava de sala em sala ensinando, de modo bravo (quase um carão), que a gente devia ir limpo, perfumado, de roupa passada (mesmo remendada!) e sapato engraxado para a escola. Ensinava que devíamos sempre dizer bom dia quando chegávamos e até logo quando saíamos.

Naquela época eu já sentia os efeitos de uma ditadura. Recife era uma cidade mais agitada e cheguei a ver passeatas de estudantes com faixas nas ruas e a polícia do outro lado. O medo pairava no ar, mas a coragem também. Depois ouvi falar rumores a respeito de um estudante que fora assassinado pela polícia.

Minha mãe nos dizia para não participar destas coisas. Lembro também que tínhamos todos, muito medo de um camburão. A ideia que me passava era que a qualquer hora alguém da polícia podia cismar comigo, me colocar em um camburão e me matar logo depois. Aprendi a não confiar na polícia.

Minha diversão era andar de bicicleta e jogar com amigas vizinhas e meus irmãos. Aprendi a empinar pipa, a jogar barra bandeira, barra manteiga, estátua, voleibol.

Capítulo III

Música: Gal Costa, Caetano Veloso, Rolling Stones, The Doors, Led Zeppelin, Janis Joplin e Jimmy Hendrix.

Cheiro: Jasmins, Acácias e Maresia.

Amigas: Ana Maria, Bernadete, Fernanda (esta tinha um irmão “sumido” pela ditadura).

É claro que ao perceber que minha aprendizagem estava deficiente, meu pai logo faria um esforço para melhorar minha educação.

Foi no **Colégio Nossa Senhora do Carmo** que aprendi o dano que pode causar um mal professor.

Hoje também faço a reflexão de que eu era a criança mais escura da sala de aula. Talvez isso tenha influenciado a forma como fui tratada pela professora da quarta série primária. A disciplina das freiras alemãs, a limpeza, o silêncio e a teologia da libertação me encantavam, mas não a professora. Infelizmente (e isso confirmei anos depois com outras colegas), a professora privilegiava um grupinho de alunas. Para elas, tudo. Para “nosotras”, nada. Menos ainda para mim. As melhores considerações, os elogios, os sorrisos, os olhares - a professora dava aula apenas para aquele grupinho de alunas. Ignoro os motivos, talvez conhecesse os pais dessas meninas, talvez por elas serem de famílias mais abastadas, não sabemos o motivo. Havia alunas na turma que tirava melhores notas e não eram tratadas com tanta deferência. “Era uma panelinha” disse uma colega que encontrei 30 anos depois. Minha reação era não prestar atenção à aula. Eu ficava divagando ideias inúmeras e inimagináveis em minha cabeça. Não conseguia ouvir a professora, meu pensamento “voava”.

Isto piorou ainda mais depois que minha avó morreu. A tristeza se juntou ao isolamento na aula. Fazíamos redações toda semana e eu era maravilhosa na criatividade. Me baseava no Sítio do Pica-Pau Amarelo de Monteiro Lobato para criar histórias de sítio onde teria ido visitar meus avós, andar de cavalo, tomar banho de açude.

Como gostava de ler de tudo em casa, minha relação com as palavras e a língua portuguesa era satisfatória. Um dia até meu pai elogiou o que eu escrevia. E ali sim, estava um “cabra” exigente. Nas demais matérias, no entanto, mantive notas baixas. Na ditadura se ensinava História de forma desconexa. No meu entender eu devia decorar nomes e datas, sem lógica alguma entre uma data e outra, sem conexão nenhuma entre um fato e outro. A única vez que tirei nota dez em História foi quando a professora, por estar doente, foi

substituída pela bibliotecária da escola. Aprendi tudo sobre Tiradentes e tinha o maior orgulho daquele homem. Que homem corajoso! Que traição fizeram com ele!

Estudei piano no conservatório de música e era boa aluna, mas a professora não tinha paciência nem gosto pela arte musical. Vivia me dando esporro pelo fato de acelerar o ritmo da bossa e apesar de ter sido aplaudida de pé em uma audiência no fim do ano, pedi para sair de lá. Eu tinha apenas 9 anos de idade.

A muito custo consegui passar no exame de admissão e ir para o ginásio. A pedido de minha mãe, meu padrinho me tirou da casa de veraneio com minha família e me levou para passar uma semana na casa dele com meus primos de segundo grau. Toda tarde ele me contava histórias dos portugueses “chulerentos” e “catingentos” (dizia ele) para que eu assimilasse a história do Brasil.

Finalmente livre-me daquela professora chata. Tinha agora uma porção de matérias para estudar: teoria musical, com professor Revoredo, artes, com madre Gutemberg, matemática, com irmã Bertgundes. Não lembro os nomes dos professores de português, história, geografia, cada matéria com um professor diferente. Minha tristeza por estar ainda em luto pela minha avó e o interesse em outras atividades fora da sala de aula não me deixavam concentrar nas aulas. Passava os dias andando de bicicleta. Comecei a fazer natação.

Fiquei em “segunda época” em Matemática não porque não sabia a matéria, mas porque meu caderno era bagunçado, cheio de riscos das contas que fazia e como minha nota também estava ruim em história e geografia, fui reprovada.

E foi a melhor coisa que me aconteceu na vida. Ao repetir de ano me senti mais segura, sabendo as matérias. O professor Marulho, de matemática, era apaixonado pela matéria e isto muito me motivou ainda mais nas “exatas”. Só tirava nota dez em matemática. A professora Fátima nos trazia a discussão existente entre os linguistas. Falava muito das controvérsias em torno da nova norma ortográfica e dos conceitos do funcionalismo e do estruturalismo. Alguns professores podem achar que essa discussão não deveria ser trazida para alunos de primeiro ano do ginásio, mas ao contrário, isto nos agradava e estimulava muito a conhecer a matéria com mais profundidade. Nesta época tiraram o circunflexo dos acentos diferenciais e não mais havia “estória”, apenas “história”. Não gostei das modificações. Ela trazia muitos exercícios de ortografia e eu gostava de dominar a matéria. Conheci Ana Maria, grande amiga que me reaproximou da literatura. Ela pegava um livro por semana na biblioteca e comecei a fazer o mesmo.

Nesta época li livros de Gibran, Herman Hesse e Gabriel Garcia Márquez.

A música dos Beatles que ouvia sempre nas ondas curtas da BBC de Londres do rádio do meu avô me incentivou a querer aprender inglês e minha mãe me colocou no Instituto de Idiomas Yázigí com 10 anos de idade para começar esta nova imersão por uma língua estrangeira. Estudei na mesma turma em que minha mãe estudava e era excelente aluna pois de tanto ouvir Beatles, já sabia a pronúncia correta, além de ter riqueza de vocabulário. Tomei gosto por estudar línguas. O Yázigí me proporcionou entrar no mundo de uma cultura diferente, conhecer hábitos e paisagens diversas, além da história dos Estados Unidos da América.

Capítulo IV

Música: Milton Nascimento, Chico Buarque, Elis Regina, Supertramp e Queen.

Cheiro: Madeira, maresia, sal, água doce.

Amigos: Laura Beltrão Tavares, Virgínia Gondim, Fernando Mota, Gileno Machado e Verônica Lapenda.

Após o primeiro ano ginásial, saí do Colégio Nossa Senhora do Carmo (após inaugurar a piscina nova em uma competição) quando fui para os Estados Unidos, através de uma bolsa em programa de intercâmbio, após passar em um teste de conhecimentos gerais e inglês. Fui estudar em Redford Detroit Highschool. Morei em um subúrbio de classe alta e o cheiro de madeira dos pinheiros e das árvores invadiam o ambiente. O planejamento urbano da cidade me deixou espantada. Era uma metrópole, mas tudo era perfeito. Havia ciclofaixas, as calçadas eram imensas, não havia um buraco sequer nas ruas ou nas calçadas e quadras e mais quadras de esportes para quem quisesse jogar: de basquete, de tênis, de golfe. Adorei a neve. Aprendi a patinar na neve e a descer a colina nos “snow sleds”.

Não tive grandes dificuldades nas matérias, com exceção da matéria de História Americana, cuja professora era negra e com um jeito muito diferente de falar. Era difícil compreendê-la no início, mas tirei de letra após um mês de aulas.

Eu não estudava em casa. Apenas prestava atenção às aulas e tirava notas boas. Meus pais americanos ficavam espantados. Não sabiam eles que eu já havia estudado tudo aquilo no Brasil, com exceção de história americana. Cantei no coral da escola (esqueci de dizer que eu também era do coral do conservatório), meu professor me elogiava. Eu achava fantástico como ele conseguia distinguir minha voz das demais do coral? Hoje percebo que pode ter sido pelo sotaque. Minha mãe americana me levava para uma biblioteca pública que tinha de tudo e peguei alguns livros para ler. Me lembro de um sobre o assassinato de Kennedy, o qual sugeria que fora tudo planejado. Ele queria fazer uma reforma agrária.

Viver uma outra cultura é muito instigante e “abre a cabeça” de qualquer um para aceitar outras maneiras de viver, de pensar, de se alimentar (acabei criando gosto até pelo feijão branco, gelado e doce).

Ao voltar, meu pai me matriculou no **Colégio Salesiano** e daí não mais parei de estudar. Encontrei uma turma estudiosa, fiz boas amizades e formávamos grupos de estudo na casa de um e de outro. Gostava muito de estudar com Virgínia no segundo ano, pois ela também tinha ido aos Estados Unidos e tinha as mesmas dificuldades iniciais que eu por

perder um semestre de aulas no Brasil. Com Virgínia fiz todos os exercícios de Português do livro de Pascoal Segala. Depois pegamos a gramática de Hidelbrando. Também estudávamos física pelo livro FAET (um método Skinneriano). A perspectiva era o vestibular. Conheci Laura que me apresentou a meninos que estudavam no colégio Nóbrega e gostavam de acampar. Então minha vida durante a semana era nadar de manhã cedo (às 6 horas), estudar e ir para a escola à tarde. Nos fins de semana íamos às praias nos divertir, aos cinemas Moderno e Art Palácio quando tinha sessões de “maratonas”, nas discotecas ou na casa de alguém. Explico melhor as “maratonas”: eram filmes que passavam diariamente de autoria de determinado diretor. Assim assisti a todos os filmes de Woody Alan, Felini, Hitchcock e Ingmar Bergman. Nos feriados íamos acampar. Fizemos um acordo em conhecer todas as praias de Pernambuco. Os professores nos ensinavam que era preciso tirar pelo menos um dia de folga total para oxigenar o cérebro. E seguíamos o conselho à risca. Um dia, um colega me mostrou um livro de Lobsang Rampa na biblioteca do Salesiano. Me apaixonei pelo livro “A terceira visão” e li todos os outros livros dele. A educação também passa pelo lado espiritual.

Estudava muito durante a semana. À noite também. Às vezes marcávamos estudar em grupo no sábado. O fim do sábado e o domingo era para diversão.

Todos os alunos do terceiro ano do Salesiano passaram no vestibular. A maioria em primeira opção. O diretor da escola estava radiante! Inaugurei novamente mais uma piscina nova antes de sair do colégio.

Capítulo V

Música: Raul Seixas, Ney Matogrosso, Rita Lee

Cheiro: Maresia.

Amigos: Laura Beltrão, Virgínia Gondim, Gileno Machado, Gil Vicente e Verônica Lapenda
Universidade Federal Rural de Pernambuco – Curso de Engenharia Agrônômica em 1977.

Curso de Teatro na Escola de Belas Artes da UFPE.

Escolhi o curso errado. Queria estudar Ecologia e achei que Agronomia era parecido. Ledo engano. A esta altura meus conhecimentos da língua inglesa me permitiram um emprego como professora de Inglês no Instituto de Idiomas Yázigi. O método de ensino era de Francisco Gomes de Matos. Eu gostava muito. Depois mudaram o método e acrescentaram um novo curso para crianças que tinha um material maravilhoso que incluía artes, conhecimentos básicos de Latim através de provérbios antigos e música. As aulas eram por slides e gravações prontas por nativos dos diálogos de cada lição. Os conhecimentos passados incluíam conteúdos sobre o folclore a geografia do Brasil. Tudo através de desenhos de personagens crianças.

Aprendi muito. Costumo dizer que aprendi o inglês de fato ali, dando aulas. É que na busca para aprofundar meus estudos para poder ser boa professora, li a maioria dos livros em inglês que meu pai tinha em casa. O livro de Freud me fascinava. Li Ernest Hemingway, Mark Twain e outros que agora não lembro. Minha vida era trabalhar e fazer militância. Eu era uma das diretoras do DCE. Fazíamos greve pela melhoria do restaurante. Era uma forma de escamotear o tema da greve, claro! Mas de fato o restaurante (que hoje é um dos melhores) era terrível.

Uma vez o reitor pediu intervenção. Aprendi que nessa hora os amigos desaparecem rapidinho. Só ficamos eu e outro colega do curso de pesca querendo impedir que a polícia federal arrombasse a porta do DCE. Até que um trotskista nos veio alertar que era perigoso continuarmos ali. Saímos.

Descobriram que havia um aluno que era “infiltrado” no DCE. A notícia se espalhou quando um de nossos colegas o pegou ligando da própria sede do DCE para seus superiores, falando dos movimentos e da greve que ia acontecer. Ele desapareceu depois disso.

Desisti do curso após três anos matriculada. Estava me “arrastando” nas cadeiras, passando a pulso e devendo “Cálculo 1”. Aprendi que não se deve andar contra uma vocação. Meu pai me dissera que se eu desistisse do curso não pagaria faculdade particular para mim. Nesse ínterim uma grande amiga me incentivou a fazer teatro na Escola de Belas Artes. Aprendi noções de técnica vocal, interpretação de papéis e cenografia. Os professores faltavam muito. Foi o último curso de nível superior de teatro da UFPE. Nunca fui buscar o diploma. Me interessei pelas artes e fiz uma oficina com Augusto Boal no Mercado Eufrásio Barbosa. Fiz ainda um curso no teatro Santa Izabel, com Maurício Cavalleira. Trabalhei em duas peças: “Café com câncer” sob a direção de Maurício e a peça infantil “O bandido da máscara vermelha” sob a direção de Nilsinho (Nilson Moura, criador do mamulengo sorriso). O teatro tirou minha timidez.

Precisa repetir que inaugurei a piscina nova antes de sair da UFRPE? Aconteceu de novo.

Eu continuava nadando, mas não mais competia. Tinha sido aconselhada a não deixar a natação por um médico ortopedista Luís Borges ao descobrir minha escoliose ocasionada pela diferença pequena de tamanho de minhas pernas. Eu dizia aos amigos que isso era um carma. A piscina só era construída quando eu estava saindo das escolas. Eu nadava no Clube Português naquela época. E até hoje continuo nadando lá. É preciso oxigenar o cérebro para ter uma cabeça mais arejada e aprender melhor. As pesquisas indicam que os atletas em geral são os melhores alunos.

Capítulo VI

Música: John Lennon, Lia de Itamaracá, Astor Piazzolla, Kid Cavaquinho.

Cheiro: da Praia de Boa Viagem: fuligem e mar.

Amigos: Teresa Montenegro, Paulo Fernando, Moab Acioli, Michael dal Pogetto.

Curso de Psicologia na UNICAP

Comecei a fazer psicanálise e passei no vestibular para estudar Psicologia na UNICAP, em 1980. Consegui um crédito educativo alegando que morava e vivia a minhas custas. Comprovei com minha carteira de trabalho e dei o endereço de meu namorado que era de Maceió. Ele rachava o apartamento com dois colegas de lá que estudavam aqui em Recife. Passei uns tempos morando com meus pais na beira mar de Boa Viagem e descobri que a verticalidade dos prédios isola as pessoas. Os amigos que fiz lá eram de fora: um casal de franceses vizinhos: o cônsul e esposa) e um surfista de Brasília. Não lembro mais os seus nomes.

A linha burguesa de Boa viagem me incomodava com seu espírito hipócrita e egoísta. Moramos lá por pouco tempo: seis meses. Me lembro que foi lá que eu recebi o telefonema de Ismael (amigo do curso de Agronomia) me informando que John Lennon havia morrido. Aquilo me impactou profundamente. Adivinho que os compositores famosos não têm a menor ideia de o quanto podem influenciar toda uma ou mais de uma geração.

Na UNICAP procurei me aprofundar nos estudos da Bioenergética. Participei de um grupo de formação com Paulo Hindemburgo. Era praticamente uma terapia de grupo. Estava precisando disso. O professor geralmente começava o grupo com sessões de biodança. A UNICAP tinha um convênio com a Aliança Francesa e comecei a estudar Francês. Fiz o curso completo, mas achava que o fato de estar ensinando Inglês me atrapalhava um pouco. Comecei também a ensinar Português para estrangeiros no Yázigi e gostava muito. O Yázigi fechou e fui ensinar no SCBEU. Nesta instituição aprendi outra metodologia no curso de um ano para professores de inglês, com excelentes professores. Lembro de professora Estefânia, da Academia Pernambucana de Letras, que ensinou literatura inglesa e norte americana, do professor Esman, que me ensinou linguística e fonética. E da professora de Metodologia que nos ensinou a fazer planejamento de aula com Preview e o Review em todas as aulas.

A biblioteca do SCBEU era maravilhosa. Lá eu lia e me encantava com vários periódicos sobre o ensino de idiomas, as metodologias, as posições dos linguistas, mas o salário não me atraía para ter isso como profissão.

No fim do curso de Psicologia nasceu minha primeira filha. A responsabilidade e o senso de querer ser mais independente aumentou. Após este curso (e um casamento fracassado) comecei a estudar para concursos com uma amiga na biblioteca da UNICAP e passei em vários, em primeiro lugar e segundo. A necessidade era ter recursos para pagar os estudos de minha filha.

Comecei a trabalhar na Receita Federal como Fiscal de Vistoria de Bagagem. Comecei um segundo casamento com um chileno que também gostava de acampar. Tive mais dois filhos e ganhei um enteado.

Capítulo VII

Música: Chico Science, Nação Zumbi, Sade, Led Zeppelin, Quarteto em Cy, Bossa Nova, João Gilberto e Tom Jobim

Cheiro: Papéis Novos e Antigos.

Amigos: Isaac, Kátia, Jacqueline, Carlinhos Granja, Tamar, Márcia Góis e Sóstenes

Curso de Direito na UNICAP em 1990

Tive que desistir do Mestrado em Psicologia Cognitiva na UFPE quando comecei a trabalhar no TRF 5. O horário era incompatível. O fato de não querer mais continuar fazendo trabalhos rotineiros de paginação e autuação de processos me levou a estudar Direito. Quase entro na UFPE, mesmo fazendo o vestibular sem estudar. Apesar de ser muito boa em Português, Inglês, Matemática e Física, minha deficiência nas matérias de História e Geografia não permitiam vencer essa concorrência.

Eu já tinha mais dois filhos de um segundo casamento. O pai de meus filhos não participava da vida escolar deles, não contribuía financeiramente com nada e o peso disso tudo arruinou a relação.

Ainda cursando Direito na UNICAP consegui trabalhar em um gabinete de desembargador e me iniciei no mundo intelectual dos processos. Trabalhei em vários gabinetes diferentes à medida que os desembargadores se aposentavam.

A empregada doméstica que me ajudava se mudou para São Paulo e arrumei uma que não dormia em casa. Meus filhos eram muito pequenos para deixar a sós e tranquei o curso por dois anos. Voltei a estudar Direito por causa de um juiz da primeira instância que veio substituir o desembargador. Ele me incentivou a voltar aos estudos. Apreendi muito lendo as maravilhosas peças escritas pelos advogados e procuradores nos processos. Apesar das exceções, o mundo jurídico é pleno de intelectuais. Minha compreensão de mundo mudou e minha redação também. O TRF fez um convênio com a SCBA para estudar Alemão e como eu sempre gostei de estudar línguas, me matriculei no curso. Era uma turma formada por dois desembargadores, um advogado criminalista, uma assessora de desembargador e eu. Me senti um pouco pressionada em mostrar que era boa aluna. Cursei até o quarto semestre, se não me engano. Depois os outros compromissos me impediram de continuar.

Após anos sendo diretora do sindicato dos servidores do judiciário (era diretora de comunicação e escrevia alguns artigos para os boletins e jornais da entidade) e trabalhando no tribunal, chegou a vez de pensar em minha aposentadoria. Me preocupava em não ter

galgado um trabalho que me desse um retorno financeiro melhor e sabia que quando me aposentasse iria perder um bom pedaço de meu salário.

Primeiro comecei a estudar para o concurso de Analista Judiciário com uma amiga do tribunal. Fizemos alguns cursinhos para concursos. Passamos em vários concursos, mas não entrávamos nas vagas. O tempo para estudar era curto e minha mãe necessitava de maior atenção. Estava com Alzheimer. Comecei então a fazer uma especialização em psicanálise, na FAFIRE visando voltar a clinicar.

Parei de estudar para concursos e passei por um processo de cuidados a minha mãe. Não terminei o curso na FAFIRE. Faltou o TCC. Mesmo assim, o estágio me permitiu continuar com os clientes e dividi um consultório com uma amiga para atender. Em 2016 comecei a querer voltar a fazer Letras (era um sonho).

Queria voltar a ser professora. Gosto dessa profissão. Fiz o ENEM mas não vi que havia passado. Me inscrevi novamente no ENEM. De qualquer maneira, não poderia cursar naquele ano. Minha mãe começou a ter períodos de internamentos em hospital. De vez em quando minha mãe tinha infecções urinárias por conta dos remédios que tomava e da idade que já tinha. Deixei o consultório. Não tive mais condições psicológicas de atender. Ela faleceu em dezembro de 2017.

Capítulo VIII

Música: Vivaldi (as quatro estações), Paulinho da Viola, Frevo.

Cheiro: do Mato da Ruralinda.

Amigos: Elaine Paiva, Sérgio Prado e Miriam Vasconcelos.

UFRPE – Curso de Letras.

O curso de Letras começou em 2018. Senti uma expectativa muito grande, pois adorava o ambiente da UFRPE e só o fato de sentir o clima mais oxigenado da mata de Dois Irmãos me dava a nostalgia dos tempos de meu primeiro curso na universidade. Cedo adquiri dois grandes amigos: Sérgio e Miriam. Esta me convenceu a entrar também em Pedagogia, na UNIASSELVI.

Terminei o curso de Pedagogia em dois anos. Eu ia para praia com ela aos domingos com os livros da Uniasselvi na mão. Foi um curso voltado para pessoas que já tinham nível superior baseado em uma legislação que buscou legalizar a situação de pessoas que tinham curso superior em outras áreas e já ensinavam sem este diploma. Os livros eram bons. As aulas eram pela internet, de modo resumido, mas as apostilas me proporcionaram muitas novas aprendizagens sobre o ensino de alfabetização. Aprendi conceitos de Magda Soares (autora dos livros de Português dos meus filhos no Marista) sobre o letramento. Aprofundei o estudo sobre as teorias de Paulo Freire lendo outros livros deste autor.

E aqui estou, novamente na UFRPE, já no fim do curso.

Meu professor de Psicanálise, Ivan Correia, uma vez nos contou que Freud, ao ser convidado para uma palestra na escola em que estudou na infância, comentou que aprendera apenas com os professores que o “implicaram”. Com este exemplo, ele quis demonstrar que Freud estaria falando dos professores que de alguma forma o intrigaram (mexeram psicologicamente) e o fizeram pensar.

Assim descrevo os professores da UFRPE, cada qual a seu jeito, cada disciplina com sua peculiaridade. Eu diria que todos os professores do curso de Letras de uma forma ou de outra, me “implicaram”. Ficou marcado em mim um pouco de cada professor: a suavidade feminina de Brenda ao apresentar a literatura espanhola feminina e maravilhosa que pouco conhecemos (que inferno essa hegemonia estado-unidense que nos invade com sua cultura); a delícia de escutar a literatura feminina negra tão peculiar com a doce voz de Iêdo; o afeto

com que João se dedica ao ensino da literatura (que me lembra o afeto relatado na pedagogia de John Dewey); o sotaque luso português de Antoni ao nos despertar para a história da literatura portuguesa; as “reticências” de Sandra ao nos apresentar a relatividade das teorias dos linguistas (“é assim mas não é bem assim”); faço um adendo aqui que cursei todas as optativas interessantíssimas ministradas por Sandra: a semântica e a pragmática do discurso, matérias que me introduziram na filosofia da linguagem e me fizeram “viajar” em um mundo fascinante o qual ainda não conheceria.

Complementando, não posso deixar de citar nossa querida Dorilma, que com seu “Espanhol de Castella” nos fez enxergar a necessidade de aprender o espanhol; a simpatia de Sherry, que decorou rapidinho os nomes de cada aluno da turma e o lugar onde nos sentávamos; o envolvimento pela literatura brasileira e sua história conduzido por Renatinha, que me fez relembrar as histórias do Sítio de Picapau Amarelo e defendeu com unhas e dentes sua disciplina tão importante para o curso de Letras.

A professora Amanda nos acompanhou em vários semestres com o ensino da literatura espanhola e sua história. A cada semestre aprendi com ela novas formas de apresentação da disciplina e de verificação de aprendizagem de conteúdo. Eu diria que Amanda é bem pequena no tamanho, mas gigante como profissional. Tivemos também a professora Rebeca, de linha anarquista que nos fez ser mais responsáveis ao elaborarmos nossa própria mandala de ensino. Lembro que sugeri, na mandala, a realização de uma assembleia na turma para aprendermos a escutar o colega, a opinar e a deliberar sobre alguma matéria. Foi interessante, embora a princípio, senti que a turma não tem essa prática. Percebi que em torno de 90 por cento da turma nunca havia participado de uma assembleia e achei lastimável. Não posso deixar de citar o professor Ewerton, cujo rigorismo técnico pedagógico é um exemplo a ser seguido.

Também participei, durante uma gestão, do diretório acadêmico de Letras. Foi uma participação mínima, por mensagens trocadas por zaps, pois já não tinha tanta disponibilidade de tempo. Foi uma boa experiência, que me atualizou nos problemas atuais das universidades e das questões identitárias.

As cadeiras de estágio junto à Escola Luís Delgado muito me ensinaram. A falta de perspectiva por parte dos alunos também me mostrou uma realidade patente de um novo mundo neoliberal. O calor da escola era insuportável e os alunos ficavam agitadíssimos. Alguns se apinhavam embaixo dos ventiladores laterais (um de cada lado). Outros não conseguiam ficar sentados o tempo todo. A professora me dizia que os alunos voltaram muito

mais agitados após a pandemia. A diretora me dizia que a climatização da escola estava em curso.

Tive problemas psicológicos neste período após a pandemia, aliado a fortes emoções com a situação política que se instalou após o golpe. Acho que repercutiu tardiamente. O fato de trabalhar e estudar online me esgotou fisicamente e mentalmente. Logo eu que sempre liderava os trabalhos de grupo, estava com dificuldades de manter os trabalhos em dia. Não conseguia estudar. O trabalho doméstico me enfadava e entediava (tinha que manter tudo muito limpo).

O fantasma da “velhice” me pegou. Passei por estresses na procura e compra de um novo apartamento. Além disso tive dificuldades de estagiar em uma determinada escola no último estágio por dois semestres seguidos. Como mudei de setor de trabalho no tribunal, a carga estava mais pesada. A responsabilidade também. Não fiz a “leitura” correta ainda do que realmente se passou comigo, mas não consegui terminar o curso junto com meus colegas de turma nos anos passados. Estou novamente me arrastando. Preciso voltar à psicanálise. Se conhecer é o melhor caminho. Deviam ensinar isto nas escolas!

Apesar de meu estado soturno, o quarto estágio, que continuou a ser na Escola Luís Delgado, foi tranquilo. O apoio de Felipe e Letícia me deu forças para continuar. É bem melhor estagiar em grupo. O clima estava melhor porque não havia mais tantos alunos na escola. O semestre estava terminando com as proximidades do ENEM. Os condicionadores de ar já haviam chegado, mas ainda não se podia ligar os aparelhos porque não havia ainda estrutura predial para fechamento das salas. Muitas portas e janelas quebradas.

Gostei muito de voltar a estudar espanhol na faculdade e em um curso intensivo que fiz no curso Cervantes antes da pandemia. Infelizmente não pude continuar. Tive facilidades pelo fato de já ter estudado outras línguas (inglês, francês, alemão) e um semestre de espanhol anteriormente, no próprio Cervantes. Piaget está certo: a inteligência se desenvolve na medida em que você vai construindo um alicerce. Tijolo após tijolo de conhecimentos. As inteligências múltiplas se ajudam e favorecem cada qual a outras. O que ficou marcado para mim foi a aprendizagem contida em cada estilo de ensino e jeito de lidar com os alunos por parte de cada professor. A metodologia utilizada por cada um e o relacionamento com os alunos talvez tenha sido tão profícuo quanto a matéria ensinada. Estes não esquecerei.

De toda a aprendizagem resumida nestas breves linhas, penso que o fato de sempre pertencer a grupos organizados tanto com fins ideológico-políticos quanto grupos ou duplas de estudo com determinados fins (tanto de passar em concursos ou para vestibulares) me

deram um impulso para um maior crescimento psicológico, intelectual e espiritual, além de tecer laços com grandes amizades. A troca de ideias e a vontade de melhorar o mundo agindo de forma coletiva me impulsionaram a vontade de aprender e me deram ânimo e coragem para impulsionar novos desafios, além de aumentar meu autoconhecimento.

Não me considero uma grande leitora. Preciso melhorar este hábito. O trabalho doméstico também me toma muito tempo, além do trabalho assalariado. Alguns livros que li, no entanto, foram para mim, verdadeira mudança de paradigmas. Penso que “História do Mundo para Crianças de Monteiro Lobato” e “História da Riqueza do Homem” de Leo Huberman” foram dois grandes livros que abriram minha cabeça para melhor compreensão do mundo. Claro, depois surgiram tantos outros, o da História do movimento sindical brasileiro, que li na biblioteca do nosso sindicato, os periódicos, tais como a Revista Brasil de Fato, a Carta Capital, a Folha de São Paulo, que tinha colaboradores escritores independentes maravilhosos!

Por tudo que tenho aprendido todos estes anos penso que a escola e o ato de ensinar deve abranger novos conceitos de educação, novas formas de educar, novos recursos a serem utilizados, novas ideias, pois apesar dos novos atores e novas tecnologias, o cenário continua o mesmo, com velhos paradigmas.

Estamos vivendo em um mundo (como bem refletiu Foucault), de novas formas de “governamentalidade”, implicando este em regulação de comportamentos, dos discursos e das práticas pedagógicas modernas.

Por isto, penso que devemos associar a pedagogia da esperança como concepção da educação, à pedagogia da luta (como bem dizia Paulo Freire). Em um mundo mercantilizado, não há equiparações educacionais. Aos que têm dinheiro, podem bancar uma “boa” educação. Aos pobres e oprimidos, que se adéquem a estas “novas” (velhas) formas de regulação.

Na Europa e nos Estados Unidos da América existe uma prática de escrever diário pessoal, assim como há uma cadeira, na escola, que se chama “biblioteca”, quando você vai para a biblioteca ler. Por que não copiar esta prática escolar? Costuma-se copiar tantas coisas ruins, por que não as boas? Escrever diários propicia um melhor autoconhecimento de seu próprio desenvolvimento e auto - conhecimento, além de desenvolver o uso da linguagem.

Entendo que o ensino da Língua Portuguesa e da Literatura são essenciais a uma melhor compreensão de mundo e conseqüentemente, à autodeterminação do sujeito.

O domínio da linguagem verbal, seja ela escrita ou falada, possibilita a construção de novos saberes, conceitos, paradigmas que aperfeiçoam a ação humana e pode tornar o homem um sujeito esclarecido. O estudo da língua materna e da literatura ajuda a aprendizagem não só das palavras e seus enunciados, mas também dos seus significados culturais e, com eles, uma melhor compreensão do meio social e uma melhor interpretação da realidade e de si mesmo.

Por fim, acredito que sem uma formação para uma consciência crítica, a escola servirá apenas de replicador de subserviências pois os processos pedagógicos são também políticos e econômicos.

REFERÊNCIAS

GIBRAN, Khalil. **O profeta**. Ed. Vozes, 1974.

FOUCAULT, M. **The Birth of Biopolitics: Lectures at the Collège de France, 1978-1979**. New York. Edited by Michel Senellart, 2008

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.